

Sarney até 90

# ACM admite ser candidato a vice em chapa com Jânio

MAURO LOPES  
Do Scurral de Brasília

Entre todos os homens do presidente, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, é o que ensaia o mais ambicioso salto: Eleger-se vice-presidente da República numa chapa encabeçada por Jânio Quadros, nas eleições do próximo ano. Para ACM, "política é destino" e, por isso, o ministro não descarta sua candidatura a vice de Jânio. Magalhães diz que o perfil político-ideológico do prefeito de São Paulo "é perfeito", se ajusta ao seu, "e o meu ao de Jânio", como uma luva. Mas ACM recheia a admissão da candidatura com uma série de senões: "É muito cedo", "estou esperando"; "não vejo nada a ser resolvido com pressa"; "não sou candidato". Mais uma ressalva: "Não sei se isto (a candidatura a vice) atende à vontade dele (de Jânio)". De qualquer forma, para o ministro das Comunicações, a sucessão de Sarney "começa a entrar na ordem do dia".

Só a certeza da vitória do mandato de cinco anos para Sarney levou ACM, nos últimos dois dias, a admitir a possibilidade de ser o vice de Jânio. Ontem, ao almoçar com alguns assessores no ministério, previa uma vitória retumbante: "Vamos ganhar com 335, 340 votos". O ministro errou, foram 328 votos. Ironicamente, Magalhães, um dos homens mais fiéis a Sarney e um dos mais ferrenhos defensores dos cinco anos, não estava em Brasília para desfrutar sua vitória.

As 18h28, quando o painel eletrônico da Câmara decretou cinco anos para Sarney, ACM estava sobrevoando Minas Gerais, de volta a Brasília. Eram 14h25 quando Magalhães embarcou num jatinho que o levaria perto de Itabuna (BA), para o velório de um amigo que morrerá na noite de anteontem. O ministro chegou em Ilhéus, embarcando num carro até o velório. Em cada parada do trajeto, onde houvesse um telefone à mão, ACM ia se informando do andamento da sessão.

A morte de seu amigo Manuel Chaves, aos 65 anos, foi um dos fatos a nublar a face sorridente de ACM nos últimos dias. Por diversas vezes, ontem e anteontem, Magalhães referiu-se a Chaves, sempre lembrando a origem do amigo, que "de tropeiro em Itabuna se transformou no maior exportador de cacau do mundo".

O outro fato a alterar o humor do ministro foi a suspensão da sessão do Congresso constituinte, anteontem às 22h05, por Ulysses Guimarães, quando ACM dava como certa a votação do mandato de Sarney. Irritado, qualificou o gesto de Ulysses como "moqueira" (moqueagem), disparando de seu gabinete rumo ao Palácio do Alvorada, onde repetiria o substantivo a Sarney.

Ontem, no meio da manhã, em seu gabinete, novamente de ótimo humor, ACM caminhou até uma das janelas de seu gabinete e, olhando a Esplanada dos Ministérios, quase murmurou que "Jânio já não reage mais negativamente quando se fala em sua candidatura à Presidência". Esboçando o panorama sucessório, disse que só há um candidato "declarado e em campanha", Leonel Brizola, e identificou três possíveis candidatos pelo PMDB: o governador de São Paulo, Orestes Quércia, o de Minas, Newton Cardoso, e o de Pernambuco, Miguel Arraes. "Mas — continuou sua análise — o Nordeste está fraco politicamente, esta sucessão vai ficar entre o café (SP) e o leite (MG)".

ACM também desenhou o quadro político que se abre para o governo Sarney com a vitória dos cinco anos: mudanças favoráveis aos cincoanistas no terceiro e segundo escalões do governo federal mas sem reforma ministerial; no máximo alguma modificação no ministério "se alguém se sentir constrangido em cumprir ordens do presidente" (uma farsa ao ministro da Previdência, o ulyssista Renato Archer); pressão sobre a Constituinte para que sejam modificados no segundo turno dispositivos aprovados em primeira votação que "inviabilizam o Brasil" (citou, título de exemplo, a limitação da taxa de juros em 12% ao ano); reorganização da base parlamentar do governo a partir de deputados e senadores sarneyzistas do PMDB, PFL e "partidos menores".

Anteontem à noite, ao se despedir do prefeito de Feira de Santana (BA), José Fialó (PFL), que o visitou em seu gabinete, ACM deixou escapar mais uma consequência política da vitória dos cinco anos para o governo. Abraçando Magalhães, Fialó perguntou: "Depois da vitória chega a festa, ministro?" O ministro respondeu, sorrindo: "Que nada, vai chegar é a hora da cobrança" (referindo-se aos que votaram pelos cinco anos e agora vão cobrar cargos e/ou favores).



O ministro Antônio Carlos Magalhães



PRISCO VIANA

ROBERTO LOPES  
Enviado especial a Brasília

"O povo não aguenta — Sarney até 90 — o povo não aguenta — Sarney até 90". O coro entoado com firmeza das galerias por um punhado de manifestantes, perturbou a mulher que, a um canto do plenário do Congresso constituinte, retorcia as mãos e olhava ansiosa para o placar eletrônico, que iria anunciar o resultado da votação do mandato do presidente José Sarney. "Ai meu Deus, as esquerdas são tão organizadas..." deixou escapar ela, como em um lamento.

"Aaaaahhhhhhh!" Com esse berro de histeria e desabafo, às 18h28, a mulher comemorou a vitória de Sarney e dos sarneyzistas, e, ato contínuo, desapareceu por um corredor atrás da mesa diretora dos trabalhos, despençando por uma escada em caracol e, finalmente, sumindo. Silvia, a mulher do ministro da Habitação, Prisco Viana — um dos principais articuladores políticos do governo (e responsáveis pela vitória dos cinco anos) — atravessou os corredores da Câmara correndo, e foi abraçar e beijar o marido, que acompanhara a sessão do gabinete do líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA).

O resultado da votação ficou dentro da previsão do ministro — "de 320 a 340" — mas ligeiramente abaixo de suas melhores expectativas. Não foi um dia fácil para esse político baiano, mas foi um belo presente de aniversário — Prisco, amanhã, completa 56 anos. Logo cedo (pouco antes das 9h30), ao chegar no Congresso, Prisco soube que o presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, estava resistindo a colocar em votação a emenda Mathews Iensen, que garantia os cinco anos.

O ministro foi informado de que, na noite de anteontem, durante um jantar — do qual participaram o senador Nelson Carneiro e o deputado gaúcho Nelson Jobim (ambos quatroanistas) —, Ulysses ouviu a argumentação de que, como o substitutivo do Centrão ao Ato das Disposições Transitórias aprovado na quarta não falava em mandato, não havia porque antecipar a votação do assunto. Por esse raciocínio, a emenda Iensen deveria ser tratada como uma emenda aditiva, no final das Disposições Transitórias.

Um contato de Carlos Sant'Anna com Ulysses comprovou a resistência do presidente do Congresso constituinte, e Prisco reuniu-se, então, com o subchefe de Assuntos Parlamentares do Gabinete Civil da Presidência, Henrique Hargreaves e com lideranças do Centrão. A solução veio ainda de manhã — fundir a emenda Iensen a uma outra que não poderia deixar de ser posta em votação — e, no princípio da tarde, o ministro estava mais tranquilo: "Fue lá saída", comentou ele em um bem cuidado e sorridente portunhol com a Folha.

Só um

Contudo, a solução para o impasse regimental não significou o alívio de todas as preocupações. O ministro da Habitação dedicou boa parte de seu tempo antes da votação a "dobrar" alguns votos mais difíceis. Foi assim, por exemplo, com o deputado do PDS paulista, Salim Curiati, introduzido no gabinete de Sant'Anna para uma conversa com Prisco às 14h30.

O tempo passava e a votação parecia, ainda, incerta. O bom humor ia diminuindo. Por volta das 16h, o chefe da assessoria técnica da liderança do governo na Câmara, Ubirajara Brito (que, de manhã cedo, dizia que o governo tinha "certos 334 votos para os cinco anos"), convidou o repórter da Folha a deixar o gabinete de Sant'Anna. Mais experiente e mais tranquilo, Prisco Viana apenas aguardava. E o resultado final da votação do mandato fez dele quase um adivinho. Na noite de quarta, o ministro prognosticou que sete deputados (cinco do PMDB e dois do PFL) que tinham votado contra o substitutivo do Centrão, votariam a favor dos cinco anos. Prisco só errou em um: Antônio Mendes Thame (PFL-SP, ligado ao senador Marco Maciel).

Casado pela segunda vez e pai de três filhos, Prisco Viana está em seu quinto mandato de deputado federal, e pensa em se candidatar a governador da Bahia. No princípio da noite de quarta, ao pisar no Congresso para assistir a votação do substitutivo do Centrão, ele comentou: "Você sabe o que são 20 anos aqui dentro? Eu quando chego aqui me sinto bem, me sinto feliz."



JORGE MURAD

JOÃO BATISTA NATALI  
Enviado especial a Brasília

Jorge Murad, 34, foi o único dos assessores da mais absoluta intimidade de Sarney que não se encontrava no final da tarde de ontem no Palácio do Planalto, no momento em que o Congresso constituinte votou o mandato de cinco anos para o presidente Sarney. Pela manhã, ele havia embarcado para São Paulo, onde cumpriu dois compromissos de ordem clínica: em seu dentista, fez um tratamento de canal e, em um ortopedista, foi examinado sobre a possibilidade de fazer uma cirurgia corretiva nos ligamentos do joelho.

Murad vem se locomovendo em cadeira de rodas há um mês, em razão de acidente automobilístico sofrido na madrugada de um sábado para domingo, sobre uma das pontes que atravessa o lago Paranoá, depois de ter jantado com amigos no restaurante Florentino, em Brasília.

No Planalto, pouco antes das 18h30 de ontem, um dos auxiliares do presidente propôs à secretária de Murad que lhe informasse com rapidez sobre o resultado da votação. Mas como ele (já de retorno à Brasília) estava, naquele momento, dormindo em sua casa no lago Sul, ela não chegou a fazer o telefonema.

Pela manhã, Murad telefonou duas vezes para a secretária, Ana Maria, perguntando se já haviam novidades do Congresso. No período da tarde, telefonou uma única vez, provavelmente porque já estava acompanhando os boletins que interrompiam as programações de televisão.

Distanciamento

Em verdade, o "fac-totum" do ex-sogro, afastando-se de Brasília num dia tão importante, ao mesmo tempo que cumpria compromissos médicos que não eram a rigor inadiáveis, comportava-se com relação à mobilização pelos cinco anos com o mesmo distanciamento que vem mantendo nos últimos meses.

De fato, por mais paradoxal que possa parecer, os mais astuciosos e bem informados adversários de Sarney no Congresso constituinte, exaustivamente indagados pela Folha, não dispunham de nenhum dado relativo a favores prestados pelo secretário particular em troca de um voto conveniente ao Planalto.

Murad não rivalizou com a máquina de persuasão parlamentar montada pelo ministro do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto; não dispunha da caixa de outro ministro, Prisco Viana, da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, e nem o estilo contundente de cobrança de um terceiro integrante do ministério, Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações.

O próprio Murad, procurado quarta-feira, dissera não ser um dos "operadores" dos cinco anos no governo. Ainda na quarta, sua única e secundária atividade pelos cinco anos foi a de receber, no gabinete que ocupa no 3º andar do Planalto (ao lado de onde despacha o presidente), cinco deputados até então contabilizados como quatroanistas, e que vinham em sigilo anunciar que estavam convertidos. Depois, às 18h40, juntamente com o ex-sogro e seu filho menor, Fernando, rumou para o Palácio da Alvorada, onde os 35 anos de sua ex-mulher, Roseana, foram comemorados até às 19h30.

"Eminência parda"

Jorge Francisco Murad Júnior já foi considerado a eminência parda da "Nova República" governada por seu ex-sogro. Abastecia o presidente com os dossiês que preparavam as audiências com ministros, intermediava pedidos administrativos e filtrava as propostas encaminhadas pelos ministros da área econômica, de cujas sucessivas "frituras" participou como um competente agente de bastidor.

"Jorginho", como é cognominado pela família Sarney exerce hoje um papel que o expõe bem menos às pedradas que o governo recebe. Partiu para o "low profile". Pesaram nessa metamorfose parcial o fato de a distribuição de favores ser hoje mais bem distribuída no ministério (cresceram Borges da Silveira ou Prisco Viana), e o desgaste que ele sofreu ao ter entrado na mira da CPI da Corrupção do Senado.

Separado de Roseana desde 1985, Murad nem por isso teve arranhada a absoluta confiança que lhe deposita Sarney.

Nascido em São Luís (MA), boêmio das "luaradas" (serões com violão e poesia), Murad pertence ao ramo menos próspero de uma família de empresários. Tem dois filhos adotivos de seu casamento com a filha de Sarney.



HARGREAVES

Da Scurral de Brasília

As 17h20 de ontem, um sujeito simpático ocupou uma das cabines telefônicas da Câmara dos Deputados, reservadas para repórteres de rádio, e fez uma ligação para o 4º andar do Palácio do Planalto. Do outro lado da linha estava o ministro Ronaldo Costa Couto, que ouviu um recado curto e cheio de otimismo: "Ministro, tivemos uma catimba aí mas o homem votou com a gente. Fique tranquilo que o dr. Ulysses foi batuta."

O sujeito não é radialista. Longe disso, é advogado, economista, administrador de empresas, técnico legislativo e, se preciso, datilógrafo. Henrique Hargreaves, mineiro de Juiz de Fora, neto de imigrantes ingleses, subchefe do Gabinete Civil para Assuntos Legislativos, estava informando a seu superior que Ulysses Guimarães rejeitara o último questionamento dos parlamentares quatroanistas contra a votação da emenda Iensen.

Linha direta

Hargreaves mudou-se da Câmara, onde assessorou todos os líderes dos governos militares em 25 anos de trabalho, para o Palácio do Planalto pelas mãos do ex-ministro Marco Maciel. Continuou no posto quando Costa Couto substituiu Maciel no Gabinete Civil, conseguindo linha direta com o presidente José Sarney, franqueada pelo novo chefe.

Em momentos importantes como a votação do mandato, Hargreaves instala um improvisado "gabinete" no cafezinho anexo ao plenário e trabalha votos para Sarney. Até os votos perdidos. Aos adversários declarados, como os pefelistas Alcei Guerra (PR) e Jaime Santana (MA), ele sussurrou agradros: "Votando contra nós vocês são dois pelés no time do Madureira." Recebeu abraços, sorrisos e cumprimentos pela vitória que se antecipava.

A Jorge Uequed (PMDB-RS) e Jofran Frejat (PFL-DF), ambos quatroanistas, Hargreaves disparou: "Já temos quantidade para vencer, mas sem os votos de vocês não teremos qualidade." Para circular entre os parlamentares o assessor do Planalto vale-se de sua intimidade com eles — "dos 559 constituintes eu conheço pelo menos 500 de tomar cafezinho" — e de uma caderneta para anotar pedidos, recados e cobranças que ouve pelo caminho. Na sessão de ontem, Hargreaves portava uma caderneta verde, brinde da British Petroleum.

A caderneta foi inaugurada às 11h de quarta-feira, com um pedido do líder do PFL, José Lourenço: "Estão colocando gente da Cristina Tavares (quatroanista) nos cargos do Funrural de Guaranhuns (PE) que eram do José Tinoco (PFL-PE). Dá um jeito nisso." Hargreaves anotou e ficou de falar com Sarney.

"Pode cobrar"

Seis horas mais tarde ele anotava o pedido número 108, do deputado Oswaldo Trevisan (PMDB-PR). "Vou votar com vocês mas o governo precisa resolver aquele meu caso", avisou Trevisan. "Pode cobrar", respondeu o assessor, enquanto anotava. Ontem, na hora da votação do mandato, a caderneta registrava 168 recados, fora cartões e bilhetinhos esparsos, que ele deve transferir hoje para um microcomputador Itautec.

O versátil Hargreaves entende de regimento "como poucos", segundo o deputado Bonifácio Andrada e é "o homem que sabe de tudo no Congresso", como o saudou o deputado Mauro Campos (sem partido-MG). Sabia até que Campos votaria pelos cinco anos, uma surpresa para os colegas do deputado, que faz parte do grupo do ex-peemedebista Pimenta da Veiga (MG).

Foi ele quem datilografou a fusão de emendas que permitiu a votação, contra a vontade da esquerda. Resolvido o problema regimental, lá estava Hargreaves tranquilizando os cincoanistas, preocupados com a possibilidade de a sessão ser suspensa com o anúncio da morte do senador Virgílio Távora (PDS-CE), gravemente enfermo em São Paulo. "Só suspender a sessão com o atestado de óbito", avisou a um jornalista que equivocadamente "informara" o falecimento de Távora.

Quando percebeu que a fusão de textos daria a Sarney 74 dias de mandato além do previsto, Hargreaves comemorou com um ditado mineiro: "Esperteza, quando é muita, fica grande e engole o dono. Nos forçaram a fazer a fusão e ficou pior para eles." As 18h30min ele pegou o telefone do cafezinho para anunciar ao Planalto a vitória. Não conseguiu. Todas as linhas estavam ocupadas.



CARLOS SANT'ANNA

Da Scurral de Brasília

O líder do governo, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) pensava em deixar o quarto e sentar ao piano alemão Zeiter-Wilkemann, que pertenceu à sua mãe, Alaide, quando o telefone tocou. Era 1h10 da madrugada de ontem. O líder, que na véspera fora deitar depois de executar "Eu sei que vou te Amar", deixou o piano de lado e foi atender o deputado Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG). Estavam armando uma obstrução na casa do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

A informação, passada por um parlamentar minutos depois, escalava os deputados Nelson Jobim (PMDB-RS), Cid Carvalho (PMDB-MA) e mais três parlamentares numa tentativa de levar Ulysses a não aceitar uma fusão de emendas aditivas. Sant'Anna, na dúvida, foi dormir depois das 2h e de consultar regimentos e emendas.

Há 14 anos atrás o líder do governo dava aulas como professor-adjunto na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Recém-chegado de um curso de extensão nos Estados Unidos, recebeu do vice-reitor, Edvaldo Brandão Correa, que se tornaria vice-governador de Roberto Santos, o convite: "Saia deputado estadual no meu reduto". Saiu e foi o terceiro mais votado da Arena.

Secretário estadual de Educação, elegeu-se deputado federal pela primeira vez em 78 e, um ano depois, trabalhou na formação do PP de Tancredo Neves. Em 81 foi porta-voz de Tancredo na luta pela incorporação do PP ao PMDB e, em 84, em seu apartamento da superquadra 202 Sul o grupo "Unidade" realizava as reuniões que apainavam os caminhos de Tancredo para a sucessão.

Pai de sete filhos, viúvo e novamente casado com a sanitarista Fabíola de Aguiar Nunes, Sant'Anna, vitorioso de ontem, conheceu a amargura da derrota ao longo de 15 meses de Congresso constituinte. O primeiro grande abalo foi na convenção do PMDB, em julho de 87. "Foi duro", depois seu filho e assessor André. De fato, foi duro ver metade das galerias dar-lhe as costas e gritar "traidor".

Sant'Anna não queria, ali, que o partido se definisse pela extensão do mandato do presidente José Sarney. A dureza da convenção o levaria, pela primeira vez neste processo, ao que chama de "minha casa". Introvvertido e dominador de suas emoções, o líder do governo, quando acuado ou extenuado, busca um refúgio. É o apartamento do 1º andar, no bairro do Canela, em Salvador.

Ao seu refúgio, o leonino de 56 anos voltaria após a dura derrota na Comissão de Sistematização, em novembro. Metódico, cumpriria no 31 de dezembro e na Semana Santa outros dos rituais a que se obriga. O reveillon foi em sua casa na ilha de Itaparica, em frente a Salvador. A Sexta-feira Santa passou, também na capital da Bahia, num tradicional almoço com a irmã, Regina.

"O carnaval me fez bem, pude ficar cinco dias em minha casa" disse, disposto, ao filho André quando retornou a Brasília. Em março recomençaria a articulação pelos cinco anos. Na véspera da votação, em seu gabinete, arriscava um palpite: "Temos 322 votos mas pode vir mais alguma coisa." Veio, e ontem à noite, dizia após a votação: "Base parlamentar. Ué, está pronta. Não tem mais o que mexer."

Pela manhã ainda tinha. Confeccionada a fusão de emendas, Sant'Anna foi ao gabinete de Ulysses Guimarães pedir-lhe que aceitasse esta saída e impedisse a obstrução. "Tentarei, como tenho feito, agilizar a votação mas não sei que questões de ordem serão levantadas." Com a resposta de Ulysses, o grupo que acompanha Sant'Anna tentou pressionar o presidente. Na sala de Lourenço, o deputado Luís Eduardo Magalhães já dera a senha: "Se Ulysses não puser em votação nós paramos a Constituinte".

Sant'Anna, quando percebeu o ânimo de seus pares, com um gesto comandou a retirada. Na sala ficaram apenas ele, Ulysses e o pedido para que a votação ocorresse. Não quis, depois, revelar o que conversou. Mas a votação se deu. E ontem à noite o líder do governo poderia voltar à sua "catarse". Tocou piano. E sem se incomodar com os vizinhos na madrugada. "O José Fogaça (senador, PMDB-RS) toca um órgão na minha cabeça, no andar de cima, por que não posso tocar meu piano?", pergunta. Fogaça diz que apenas compõe "uns roquezzinhos" no seu teclado Gianinni. "É nacional", avisa. (BF)



THALES RAMALHO

Da Scurral de Brasília

Terminada a votação do mandato de Sarney, com o placar exibindo 328 "sim" para os cinco anos, o assessor especial da Presidência, Thales Ramalho, foi até o gabinete do presidente para dar-lhe os parabéns. De novo em sua sala, logo em seguida, ele passou as mãos pelo rosto, como que tentasse retirar a tensão na qual disse estar mergulhado nas últimas semanas. Há cerca de duas semanas, as contas de Thales mostravam um equilíbrio entre os adeptos de quatro e cinco anos no plenário. "Hoje eu estou certo da aprovação dos cinco anos", disse uma hora antes da votação, colocando ênfase no "hoje".

Em sua sala, instalada no terceiro andar do Palácio do Planalto, a cerca de quinze metros do seu amigo José Sarney, Thales assistia aos "flashes" que a TV ia mostrando do encaminhamento da votação, enquanto recordava histórias da transição. "Depois que o Tancredo deu aquela entrevista, falando que achava ideal o mandato de quatro anos, eu fiquei preocupado com ele ficar falando sobre o assunto e disse isso a ele. Ele me respondeu: 'Thales, veja bem, eu falei apenas que quatro anos era o ideal', dando a idéia que não tinha defendido a tese dos quatro anos, como apregoam hoje em dia", contou o assessor.

Quando assumiu o cargo, em 14 de março deste ano, Thales disse que não teria aceito o convite se não tivesse certeza de que o Congresso constituinte terminaria aprovando o presidencialismo com cinco anos para Sarney. "Quando eu vim, na verdade, a situação estava complicada", admitiu o ex-ministro do Tribunal de Contas da União. Apesar disso, ele afastou com modéstia as sugestões sobre o seu papel na inversão da tendência nos dois meses e meio em que pilotou a assessoria especial, com um estilo sem dúvida mais reservado e aristocrático que a "tropa de choque" do Planalto na guerra pelos cinco anos (Antônio Carlos Magalhães, Prisco Viana e Costa Couto).

Ontem, quando ele viu na TV o líder do PMDB, Mário Covas (SP) deixar de encaminhar a votação da bancada, queixando-se da dificuldade de em liderar os peemedebistas, Thales diagnosticou: "Ele vai sair mesmo." O líder do governo Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), não escapou de uma observação atenta do assessor, ao incluir no seu discurso uma referência à "ilusão" do Plano Cruzado: "Ele é o líder do governo, não deveria lembrar isso".

Quase 19h, missão cumprida, Thales se prepara para ir para casa: "Agora é que vai começar o trabalho." Não comentou, porém, as providências do "day after" da guerra do mandato. "Vamos concluir essa transição", disse, depois de afirmar que o presidente é quem vai definir os passos para isso. Thales falou com otimismo das perspectivas econômicas.

Ex-deputado federal pelo MDB pernambucano, líder do extinto PP, de onde foi para o PDS, o paraibano Thales Bezerra de Albuquerque Ramalho, 64, aposentou-se no Tribunal de Contas da União para auxiliar o governo nas negociações com o Congresso constituinte.

Casado e com uma filha, o assessor iniciou sua carreira política em Pernambuco como diretor da União Nacional de Estudantes. Deputado estadual pelo antigo PSD, elegeu-se para a Câmara em 1966, chegando ao cargo de secretário-geral do PMDB. Foi secretário do governo de Pernambuco na gestão do general Cordeiro de Farias.

Quando o PP diluiu-se no PMDB, Thales preferiu o PDS, como "uma aposta" no compromisso de abertura de então presidente João Baptista Figueiredo, segundo afirmou na época. Depois de assumir o cargo no Planalto em março, no entanto, Ramalho apresentou outra versão. Segundo ele, sua filiação ao PDS fazia parte de um esquema estruturado de comum acordo com Tancredo Neves, contra a candidatura de Paulo Maluf à Presidência.

Thales assumiu a assessoria de Sarney com objetivos mais a médio prazo que os interesses mais imediatos do Planalto com relação à duração do mandato. Sua coordenação política alcança a formação da base parlamentar do governo.

Dois acidentes o imobilizaram em uma cadeira de rodas. Um acidente vascular cerebral, em 1972, o deixou paralisado do lado esquerdo e em 1976 um acidente de automóvel fraturou sua perna direita. Ele mesmo costuma brincar: "Sou meio biónico." (Marcelo Xavier de Mendonça)